

Assinaturas para o Brazil
 ANNO 10\$000
 SEMESTRE 6\$000

Assinaturas para o exterior
 ANNO 15\$000
 SEMESTRE 8\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

FUNDADOR: BENJAMIM MOTA

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo da Sé, 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Numero do dia 100 rs.

Aparece aos sabbados

Ainda Ferrer

Os protestos vehementes que em todo o mundo civilizado levantou o abominável assassinato do grande pensador Francisco Ferrer, foi um gigantesco passo dado para a solidariedade dos povos contra o jugo dos despotas que os oprimem.

Esses protestos quasi unânimes, essa repulsa quasi universal, provocados pelo acto de vandalismo do governo hespanhol, veio provar de modo evidente que os tyrannos que infelizmente ainda oprimem os povos já devem ter em mais conta a liberdade e a vida daquelles que clamam contra as suas tyrannias.

Pelo modo como em todos os centros cultos foi verberado esse attentado à liberdade de pensamento, vê-se que os processos violentos, como o que usou o governo hespanhol, longe de sustarem a marcha dos ideais porque se batem os homens que desejam um melhor estado de coisas, longe de interceptarem essa marcha triumpfante, esses meios servem somente para seu incremento. A queda de um combatente que se bate pela liberdade de pensamento, pelo advento de uma era melhor, pelo estabelecimento de um regimen de accordo com os seus principios da equidade e da razão, embora esse batalhador seja um dos que, como Ferrer, caminhavam na vanguarda, não faz estaciar a avança, muito ao contrario, essa queda na luta redemptora, — como no caso Ferrer, — serve de incentivo a que muitos outros venham avolumar a legião propagadora.

Debalde os reaccionarios, os sandeus ultra-montanos tentam justificar esse crime do governo hespanhol attribuindo a Ferrer a culpa de atear o facho da revolta em Barcelona.

Debalde os inimigos da liberdade inventam as mais calumnias mentiras para fazerem suppyr que elle foi o instigador de tacs motins.

Essa revolta, esse motim ou que outro nome lhe queiram dar, — mas a que nós chamaremos o prenuncio de grandes commoções que hão de abalar o mundo e varrer de sua superficie a borda de parasitas que o infestam, — justifica-se plenamente. Não foi a remessa de tropas para Marrocos a causa directa do levante? Eis ahi, pois, a sua plena justificação. Na guerra contra os rifenhos, — nessa como em todas as guerras, — o povo, as baixas camadas não tinham nenhum interesse em jogar a guerra apenas interessava a meia dúzia de individuos que tinham capitães em algumas minas em exploração no Rif; era justo portanto que o povo se insurgisse contra essa desnecessaria campanha onde fatalmente deviam ir ser sacrificados, como de facto têm sido, centenas de pobres soldados que jamais offensa alguma haviam recebido dos marroquinos.

As ideias anti-militaristas na Hespanha como em muitas outras nações, têm feito admiráveis progressos. A maioria do povo hespanhol, sobretudo o catalão, já conseguiu libertar-se da falsa noção do que seja a patria, da absurda, destruidora e supersticiosa noção do patriotismo, já não se deixa suggestionar nem illudir por essa palavra vã que já fez sua época, mas que fatalmente, talvez num prazo não muito longo, será supprimida pela solidariedade humana. Elle bem sabe que o soldado é apenas o instrumento de que se servem os governos para se manterem; elle bem sabe que as guerras, declaradas em nome do santo interesse da patria em perigo apenas aproveitam a meia dúzia de figurões: fornecedores de apetrechos bellicos, banqueiros e poucos mais. Elle bem sabe que todas as fataes consequências dessas guerras caem sobre si: é elle que fornece os soldados immolados nas sangrentas e barbaras carnificinas dos campos de batalha, e é elle ainda que tem



Lembremos o grande crime

Ao pé da fortaleza de Montjuich, onde se desenrolou a tragedia

Ferrer junto ao fosso onde tombou sob as balas do pelotão de execução

O poder espiritual DA SCIENCIA

de custear as enormes sommas monetarias que as guerras custam e as quaes lhe são extorquidas sob a forma varia de impostos. Sabe ainda mais o povo que um dos maiores inimigos da liberdade, — po tanto o seu maior inimigo, — é essa caterva clerical que empesta o mundo e que, sobre tudo na Hespanha, o clero de mãos dadas com os governos se esforça por manter todos os falsos preconceitos que têm conseguido trazer o até hoje agriãoado ao erro e à superstição.

Foi por isso que o levante do povo barcelonês teve uma feição accentuadamente anti-clerical.

Como pois querer malevolamente accusar Ferrer de insulto dessa sedição?

Essa accusação sem fundamento, essa aleivosia só pôde ser assacada ao invidavel educador, pelos asquerosos e perversos tons surrados e seus sequazes, sim, porque elles seguindo o antigo vexo de, com a baba peçonhenta da calumnia querem emporecar tudo que é nobre, tudo que é generoso, tudo que é sublime, não olham aos meios para conseguirem os seus fins.

Mas por mais que calumniem, que ornejem, desta vez nada conseguem com o seu sistema de adular a verdade.

Prova irrefutavel do quanto foi iniquo o infame assassinato commetido pelo governo hespanhol, offerece-nos esse espontaneo e vehemente protesto que surgiu de um a outro extremo do globo.

E não foi de todo improficuo ao solemne protesto, a queda do gabinete presidido pelo sabujo do papa que se chama Maura, já alguma coisa representa, por essa queda claramente se vê que em vão aquelle jesuita energumeno pretendeu recorrer à violencia para manter a estabilidade de seu governo. Difficil se vai tornando pretender governar empregando meios violentos e reaccionarios; é necessario transigir, acompanhar a evolução, seguir a moderna corrente de ideias sob pena de, com a violencia, mais appressarem o fim do imperio da oppressão e da tyrannia.

JOSÉ S. SALLES.

Divulgai a LANTERNA!

causas theologicas nem philosophicas: é devido á crescente sujeição do clero catholico ás classes possuidoras. Nas lutas sociais, o proletariado sempre acha o clero do lado dos seus adversarios, ou tratando de se manter numa neutralidade hostil. Nada mais natural que perca a confiança em nós.

Prova da verdade dessa opinião é que, em reações que parecem de cidadania conquistadas ás ideias modernas, a religião retomou quasi num instante o terreno perdido, só com a sua intervenção nas questões sociais com uma sombra de sympathia pelo povo.

E' que no seu estado actual de profunda ignorancia e de miséria intellectual, o povo não tem outro criterio senão o criterio economico.

A Sciencia pretende tomar a successão da Religião no poder espiritual. Augusto Comte annunciou essa successão: Littré e Renan tentaram de prever as suas phasas e, recentemente, Buchner na Alemanha, Marcelin Berthelot em França, declararam-na com soberbo orgulho effectuada.

De facto, a palavra Sciencia não acha quasi mais desrespeitados. Todos falam em nome da sciencia: ella tem seus pontifices, seus concilios e seu innumero clero de mestres. E as suas decisões não ficam platonicas; hoje elle intervem na nossa vida publica e até na privada. O poder executivo empresta-lhe forças para fazer cumprir as suas decisões. Como toda autoridade já é tyrannica, e em certos paizes dizem que fuzilaram gente para que não morresse de doença.

Parece, portanto, bem estabelecido o poder espiritual da Sciencia. Vejamos se elle já não está ameaçado de uma ruina mais rapida do que o poder espiritual da Religião, dando quicá lugar ao resurgimento inespereado deste.

Disse-se ao povo: a Religião é contraria á Sciencia, e a Sciencia é a Verdade, portanto a Religião é a Mentira. O Povo ficou muito disposto a acreditar nisso, porque via todos os dias o padre pregar-lhe muita mentira; passou a crer na Sciencia em lugar de crer na Religião. Mas o modo de crer é o mesmo: é fé cega. O povo não cogita dos dogmas da nova Religião, como não cogitava dos da antiga. Importa-se dos mysterios da Attraction ou do Atomo tanto como

se importava dos da Trindade ou da Transubstanciação. São coisas igualmente instigáveis. A unica base da fé é a confiança: a Religião caiu porque não soube guardar a confiança; a Sciencia imperará enquanto souber conserva-la.

Mas isso será a esta tão difficil como aquella, senão mais. As explicações que a Sciencia dá do mundo parecem tão abstrusas como as da Theologia; antes de guardar tantas coisas na cabeça, é muito mais facil acreditar num Deus omnipotente e arbitrario. Depois, a Sciencia admittre a controversia, e isso lhe é fatal. Um certo numero de Doutores e Professores declara uma coisa. Vem outros, que tambem se dizem Doutores e Professores, que contradizem os primeiros. Como tará o Povo para distinguir entre ambos os grupos? Como differenciar o sabio sincero do charlatão habil? Na incerteza, elle começa a olhar para os desconfiança, e na primeira occasião voltará as costas ao novo padre, como fez com o antigo.

E o papel da instrucção? dirão. Certo é que esta seria a solução, dando á massa o modo de fazer se por si propria uma opinião. Mas no estado actual de coisas, a instrucção que se pôde dar ao povo não tem nada de commun com a instrucção que elle precisa. O que se faz agora não é instruir, é catechisar; ensina-se a rezar os dogmas scientificos como se ensinava a rezar os outros. Não é assim que se conquista a confiança, sobre tudo se se utiliza este pretexto para ensinar dogmas não demonstrados como os da propriedade ou da patria. Um exemplo frisante é dado pela França, cuja frequencia escolar diminuiu e elle augmenta o numero de analphabets.

O criterio actual do Povo é, já disse, puramente economico. Concede ou retira a sua confiança, segundo vê trabalhar por ou contra elle. A Sciencia, no momento presente, depende quasi inteiramente do poder economico: diz o que convem a este; no demais cala ou murmura. Na arte de curar o seu papel é immundo: trata de palliativos, faz impôr vaccinas e desinfectões em lugar de gritar bem alto que se a raça definha é por causa da pessima organização social. Bata formol num covil quando seria preciso destrui-lo e dar uma casa decente ao morador. Injecta séros e vaccinas na gente que precisa muito mais de pão e repouso. Ordena medidas prophylacticas contra a varíola e deixa crianças de seis annos trabalhar na fabrica dez horas por dia. Afinal faz como esse medico de comedia que applicava sanguesugas num enforcado, fingindo não reparar nisso. E com justiça o Povo perdeu a confiança na Medicina official.

Nos outros ramos: mechanica, physica, chimica . . . os seus estorcos tendem unicamente a augmentar a produção diminuindo a precisão de braços, não se preocupando das consequências, quando não deveria apresentar um só melhoramento na produção sem exigir o melhoramento correspondente nas condições do trabalho. Até se entrega com exito á lucrativa industria das falsificações.

Nas lutas sociais, toma bem francamente o partido do poder que a nutre, encerra-se bem na neutralidade hostil de quem está "acima disso".

Acima disso, não está. Estaria, se não precisasse desse mesmo Povo para viver. Mas precisa, e portanto não o pôde desprezar.

O Povo não tem preferencias metaphysicas: deu credito á Sciencia, porque ella — para desbaratar a Religião — prometteu-lhe o melhor a sua sorte. Muito longe disto, explorou-o sem tratar de remediar ao mal que fazia. Como o previu Renan, o porvir da Sciencia, que podia ser tão bello, pôde acabar num abysmo de trevas: se ella não sabe aliviar os soffrimentos da Humanidade, o Povo preferirá tornar á Barbaaria mais Clemente do que a Civilização e responderá, cortando o pescoço dos futuros Lavoisier, como os de 89: a Revolução não precisa de sabios,

MARCELO VEREHA.

Como se tosquia o paciente rebanho da igreja



A renovação da Escola

(Continuação)

Do mesmo modo que soberbamente manifestou a necessidade da instrução, para que esta instrução não se tornasse um perigo, assim também saberia reorganizar a escola segundo os dados novos da ciência para que nada possa ameaçar-lhes a supremacia. Só ideia, é certo, difícilmente se realiza; mas é preciso ter considerado de perto o que se passa e como se arranjam as coisas na realidade, para não mais se deixar iludir por palavras.

Ah! o que não se esperou e se espera ainda da instrução! A maior parte dos homens de progresso della esperam tudo e é só nestes últimos tempos que alguns começam a compreender que ella não dá sino ilusões. Repara-se na inutilidade real desses conhecimentos adquiridos na escola pelos sistemas de educação actualmente praticados, nota-se que se esperou em vão.

E que a organização da escola, longe de corresponder ao ideal que della se forma facilmente, faz da instrução, na nossa época, o mais poderoso meio de escravização nas mãos dos dirigentes. Os seus mestres não passam uns instrumentos conscientes das suas vontades, formados, afinal, como são, segundo os seus princípios, tendo sofrido desde tenra idade e mais fortemente que ninguém a disciplina da sua autoridade. Bem raro são os que escaparam ás garras deste domínio; continuam, aliás, impotentes, porque a organização escolar de tal maneira os enlaça que não podem deixar de obedecer.

Não me cabe fazer aqui a crítica de tal organização. É bastante conhecida para poder ser caracterizada com uma só palavra: Coação.

A escola encarcerava as crianças physica, intellectual e moralmente, para dirigir o desenvolvimento das suas faculdades no sentido desejado. Privava do contacto com a natureza afim de as poder modelar a seu modo.

Essa é a explicação de tudo o que apontei aqui: O cuidado que tomaram os governos de dirigir a educação dos povos e a fallacia das esperanças dos homens de liberdade. Actualmente a educação não passa de um anacronismo de animas.

Recuso crer que os sistemas empregados tenham sido combinados com exacto conhecimento de causa para obter os resultados em vista. Isso faria supor genio. Mas as coisas passam-se exactamente como se esta educação correspondesse a uma vasta concepção de conjunto realmente notável. Melhor não se poderia fazer. Para a levar a cabo, inspiraram-se muito simplesmente nos princípios de disciplina e de autoridade que guiam as organizações sociais de todos os tempos.

Elles têm uma unica ideia muito clara e uma vontade: É preciso que as crianças sejam habituadas a obedecer, a crer, a pensar conforme os dogmas sociais que nos regem. Assim, a instrução não pode deixar de ser o que é hoje.

Não se trata de secundar o desenvolvimento espontaneo das faculdades das crianças, de deixar livremente procurar a satisfação das suas necessidades physicas, intellectuales e moraes; trata-se mesmo de a impedir para sempre de pensar de modo diferente daquelle que se pretendeu para conservação das instituições desta sociedade; trata-se de fazer della um individuo estritamente adaptado ao mechanismo social.

Ninguém se admira, pois, de não ter tal educação influencia alguma sobre a emancipação humana. Repito: ella não passa de um meio de dominação nas mãos dos dirigentes. Estes nunca quizeram o levantamento, mas sim a escravidão do individuo, e é perfeita mente inútil esperar seja o que for da escola hodierna. Ora, o que até agora se produziu ha de continuar a produzi-se para o futuro.

Não ha razão alguma para que os governos mudem de systema. Conseguiram servir-se da instrução em vantagem propria e também em seu proveito há de saber servir-se de todos os melhoramentos que forem propostos. Basta que mantenham o espirito da escola, a disciplina autoritaria que nella reina para que todas as innovações resultem em seu benefício. E por isso não de elles velar, podemos estar certos.

Eu queria chamar a attenção dos que me lêem para esta ideia: É que todo o valor da educação reside no respeito da vontade physica, intellectual e moral da criança. Assim como em sciencia não ha demonstração possível senão pelos factos, assim não ha educação verdadeira que não seja a que é isenta de todo dogmatismo, a que deixa á propria criança a direcção do seu esforço e apenas tem por fim secundar-lhe esse esforço. Ora, nada mais facil do que alterar esta significação e nada mais difficil do que respecta-la. A educação sempre impõe, viola, constringe; o verdadeiro educador é aquelle que melhor sabe defender a criança contra as ideias, as vontades delle mesmo, que mais apella para as energias proprias da criança.

(Continúa)

FRANCISCO FERRER.

Os successos de Buenos Aires

A morte de Ramón Falcon, chefe de policia de Buenos Aires, é um acto de guerra social que não comprehendem ninguém. Todos conhecem os antecedentes.

Ainda vive na alma popular, com os seus sentimentos de horror, a lembrança daquella terrível hecatombe que no mez de maio deste mesmo anno inundou de sangue innocente as ruas da capital argentina.

Por occasião do Primeiro de Maio, data que o operariado de todo o mundo solemniza, reuniram-se na praça de Lorea de Buenos Aires, umas vinte mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, uns vinte milhares de honrados trabalhadores que iam comemorar um comicio popular aquelle epheemeride do mundo consciente e laborioso.

A policia tinha já conhecimento do facto, as formulas legais foram seguidas e o proprio Falcon tinha assignado a licença para que o comicio se realizasse.

Nenhum grito subversivo, nenhuma manifestação hostil partiu da multidão, que rodeada por toda a parte de forças de cavallaria, percorria tranquillamente o seu trajecto, sem fazer caso das provocações da soldadesca desenfreada. O plano policia fracassava. Mas, de subito, lá surgiu num automovel, que passou com a velocidade de um relampago, a figurinha rachada do chefe de policia. A chacinna começou.

Os coches tinham recebido ordem de matar á discreção e atiravam-se como vandalos por sobre a multidão inerte e espavorida, matando, ferindo e assassinando a torto e a direito sem que de nada vallessem os lamentos das crianças e os alaridos das mães que suplicavam em vão clemencia aquelles feras.

A chacinna foi horrivel. Mais de quinhentas pessoas encheram os hospitais; e a Chacarita, o cemiterio dos humilhes, recebeu no dia seguinte um grosso contingente de cadáveres, com que o povo salvava rendia tributo á selvageria dos quatro nobilissimos degenerados que emporcalharam a inditosa terra de San Martín.

O povo pediu a gritos a destituição e o castigo daquelle miseravel; mas nada conseguiu. As violencias redobram, encheram-se os carcereos, e muitos foram os que, mordendo os punhos, choraram na prisão a morte dos entes queridos que a selvageria policia arbara de lhes arrebatara.

E o facto previsto deu-se. Mas os governos, as classes dirigentes, não aprendem, não se emendam. Persistirão nos methodos violentos que dão os resultados já vistos e não evitam a revolta, antes a provocam.

O exemplo da Argentina não aproveita mesmo aos demais governos. Não se pede já repressão (!) contra os anarchistas do Brasil, que nada fizeram?

A tyrannia morre impenitente. E a guerra social parece não ter fim, a não ser com a victoria de uma das classes em luta. Que o triunfo seja o da liberdade e que a violençia se torne, com elle, para sempre inútil e impossivel!

A LANTERNA NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospício, 166.
CARL CRETZER, largo do Roio;
CARL CRETZER, de Sapateiro;
Na rua Visconde de Albuquerque;
Na rua da Assembleia, esquina da rua do Carmo, (segurança).

INFAMIA

A expulsão de Rossoni

A policia do Sousa Aguiar paulista, sempre servil aos interesses do capitalismo, tantas infamias mandou dizer ao Dr. Esmeraldo Bandeira, ministro da Justiça, que este, em data de 9 do corrente, expediou um acto expulsando do Brasil o nosso querido amigo Edmundo Rossoni, grande criminoso que, nesta l'epublica de frades e freiras, fundar uma escola racionalista, e que, tambem, nesta republica prostituida, que é bem a messalina carcomida de syphilis prevista por Julio Ribeiro, ou sou cair no desgraçado de dois ricos capitalistas—o conde papalino Asdrubal do Nascimento e o escravidista Antonio Prado, o primeiro paulista que, por espirito de imitação da apodrecida nobreza franceza, fez entrar no seu lar um confessor e director espiritual da sua familia, na pessoa de um massmarro francez.

Com base num infame inquerito feito á revelia da victima, que então estava preso no xadrez do Posto de S. Caetano e depois no da Central, a policia paulista pediu a expulsão e o governo de paz e amor do mulatinho campista, na phrase velha, mas sempre verdadeira do ex-governador do Rio de Janeiro sr. Francisco Portella, a concedeu não sem alguma reluctancia, pois o proprio acto de expulsão é nullo e insubsistente, por não declarar, como tem resolvido o Supremo Tribunal Federal ser imprescindivel, o motivo da expulsão, afim de ser apresentada a defesa.

A policia do sr. Washington Luiz, vulgo W. de Sousa, de posse do acto de expulsão, para effectuar a prisão de Rossoni chegou a violar, á noite, o domicilio do nosso amigo Benjamin Mota, que se achava ausente, mas, chegando a sua casa nessa occasião, soube energicamente, declarando que empregaria, se tanto fosse preciso, a força, fazer seus direitos, pondo immediatamente na rua o segredo que havia penetrado no seu domicilio e o famigerado dr. João Baptista de Sousa.

Como não conseguisse nessa noite arrancar do tecto aquilo que o abrigava a Edmundo Rossoni, a policia, com grande apparato de força, deixou guardada a residencia daquelle que, resoluta na defesa dos seus direitos a expulsão do seu domicilio, e no dia seguinte, pela manhã, lá foi buscar a victima prometida ao conde papalino Asdrubal do Nascimento, em troca de uma boa gorjeta.

Os lacaios são sempre—assim. Servem aos seus ams docilmente á espera que venham os nickses recompensar-lhes a fidelidade. Preso, foi Rossoni conduzido ao posto da Consolação, e depois de identificado, no mesmo dia, embarcado pelo nocturno para o Rio de Janeiro, afim de seguir no Cap Arcana para Boulogne-sur-Mer.

Devem estar satisfeitos o sr. W. de Sousa e o ex-delegado inacanalhado Carlos Sampayo Vianca, que, como recompensa do seu zelo, já foi nomeado, a pedido do archbispo Duarte Leopoldo, para o cargo de chefe do gabinete de identificação.

Devem estar satisfeitos... mas Rossoni, que ora goza, num magnifico transatlantico, as delicias do ar purissimo do oceano, deve estar já escrevendo, para fazer publicar nos jornaes da Italia e da França o elogio do servilismo paulista e desta Republica de mentira que impingiram ao povo brasileiro republicanos sem sinceridade e os adheistas de todos os tempos e de todos os governos.

Tanto melhor. Assim, os fillos da Italia, que aqui têm vindo fecundar com o seu suor as nossas terras, embelezar as nossas cidades e fazer prosperar as industrias, comprehenderão que é melhor emigrar para a Africa ou para a Turquia do que para um paiz onde as leis são violadas todos os dias e o interesse do capitalismo sem entranchas e da clericalha insolente e criminosa.

Bon appétit, messieurs!

Não se queixem quando o povo trabalhar, cansado de tanto soffrer, disser: basta!

Não se queixem quando os que virem a sua fortuna comprometida pela falta de braços entre-

rem pelos palacios governamentais e varrerem n'os a chicote da administração do Estado e não se queixem tambem, se os anticlericaes, diuites, tão infame subversiva á vontade dos massmarros commandados pelo geral dos jesuitas, se resolverem a fazer uma obra purificadora.

Aos nossos amigos e todos os anticlericaes, lembrando neste momento que a expulsão do nosso querido amigo Rossoni é obra dos jesuitas de batina e de casaca, pois o conde Asdrubal não é senão um jesuita disfarçado, devemos recordarlhes que o dever de todos os homens livres é combater os que trabalharam para a expulsão de Rossoni, ferindo-o no que elles têm de mais sagrado—o dinheiro.

Asdrubal poderemos combater-lo pelo boicote da sua adorada carne-veja Antarctica, tornando-o cada vez mais rigoroso, afim de que elle comprehenda—vendo diminuir a venda da bebida que o enriqueceu, que os homens livres sabem guerrear tambem os seus adversarios e inimigos das liberdades publicas.

W. de Sousa, que se apegoou ao osso da policia, porque é incapaz de ganhar de outra forma a vida: a sua ignorancia e estupidez, não lhe permitindo exercer a profissão de advogado, devemos combater-lo igualmente, trazendo a publico as mazelas da sua vida, afim de que elle, desmoralizado perante a opinião, se veja na obrigação de demittir-se do cargo que exerce no governo do Estado.

Mas, não devemos parar ali com o nosso protesto, jornaes ha em S. Paulo o caduco *Correio Paulistano* e um vespertino inominavel dirigido por uma messalina de calças—que devemos tambem boicotar, não comprando-lhes um só numero, pois esses jornaes não tiveram uma palavra de protesto contra o assassinato de Francisco Ferrer, e agora, diante da expulsão de Rossoni, applaudem a infamia praticada.

Verberando, pois, essa infamia praticada por uma colligação de interesses immoraes, nós, que devemos sempre indicar uma tactica a empreza contra os nossos inimigos, pedimos aos bons anticlericaes, livres-pensadores e homens livres do Estado de S. Paulo que NÃO BEBAM ABSOLUTAMENTE CERVEJAS OU OUTROS PRODUCTOS DA COMPANHIA ANTARCTICA e não comprem mais semelhantes jornaes.

Assim, talvez, criem um pouco de vergonha esses jornalistas ganhadores, que fazendo um jornal reaccionario e indecentemente servil aos interesses dos ricos, vivam sómente ganhar dinheiro para irem gastar-o nas casas de jogo, no *Amusement Club*, da qual é sócio o eminente sr. W. de Sousa.

Os jesuitas

Os jesuitas juntam-se sem se conhecerem, vivem sem se amarem e morrem sem se chorarem.

(BOICOTE GRÁFICO, O JORNALISTA, 1910, pag. 199).
O jesuitismo propaga-se sempre na razão directa da ignorancia de um povo e na razão inversa da illustração desse povo.

Assim, talvez, criem um pouco de vergonha esses jornalistas ganhadores, que fazendo um jornal reaccionario e indecentemente servil aos interesses dos ricos, vivam sómente ganhar dinheiro para irem gastar-o nas casas de jogo, no *Amusement Club*, da qual é sócio o eminente sr. W. de Sousa.

Agora que o jesuitismo alcançou mais um triumpho na Hespanha com o infame assassinato de Francisco Ferrer, director que foi da Escola Moderna, de Barcelona, e para o qual contribuiu poderosamente; agora que o jesuitismo, pôde dizer-se, carregou-se com mais um crime do qual nunca será absolvido, agora, repito, vem muito a proposito recordar mais alguns da longa série commettida pela muito celebre *Compagnia de Jesus*. Ora bem, ninguém ignora que Ignacio de Loyola (1492-1556) foi o fundador da Compagnia de Jesus ou de Jesuitas e que elle era hespanhol, mas o que certamente nem todos sabem é o procedimento desses jesuitas para com a sociedade civil no decorrer dos 469 annos que nos separam da fundação da celebre Compagnia e que, em seguida, baseado na Historia, vou resumir em poucas linhas.

Após á fundação da famosa Compagnia (1540), os jesuitas foram-se introduzindo pouco a pouco em toda a parte á maneira de salteadores: em 1540, em Portugal e na Italia; em 1549, no Brazil; em 1556, no Chile; em 1576, na Venezuela, e assim suc-

cessivamente em todos os demais paizes da Europa, Asia e America.

Tornados cosmopolitas, os jesuitas appareceram-se successivamente do confessional, do pulpito da tribuna, da escola, da imprensa, das consciencias dos reis e das dos povos, e as suas riquezas vão crescendo na mesma proporção da sua terrivel influencia.

Chega, porém, um tempo em que, metido dessas mesmas riquezas, accumuladas por toda a sorte de artificios (*), elles se tornam orgulhosos, arrogantes, soberbos, vaidosos e intrigantes a tal ponto, que os reis e os papas, por muitas vezes, se vêem obrigados a fustigal-os com editos e anathemas. Mas, elles não temem as ameaças dos reis, nem as excomunições dos papas porque são os senhores das consciencias das embebrutadas massas, a quem, em occasões opportunas e ao seu bello prazer, incitam á rebelião e á pillagem.

Confiados nisso, os jesuitas sublevam os subditos de Henrique III, não para emancipal-os mas por interesse proprio, o qual, a instigação dos mesmos jesuitas, morre assassinado (1589); preparam a noite de S. Bartholomeu (1572), que custou a vida a 70 mil protestantes; sopram as guerras entre estes e os catholicos (1559-89); atizam a guerra entre os 30 annos (1618-48); tramam muitas conspirações na Inglaterra, das quaes a mais celebre foi a da polvora, em Londres, cujo fim era fazer voar o parlamento com todos os lords (1605); apunhalam Henrique IV. (1593); atizam a guerra de fogo a Londres (1666), cujos desastrosos effectos arruinaram ditas mil pessoas; tentam assassinar a José I, rei de Portugal (1758); finalmente tornam-se tão temiveis e concitiam contra si tantos odios, que o papa Clemente XIV. (Lourenço Ganganelli, 1705-1758), instado pelos reis e pelos povos, vê-se obrigado a suprimir a famosa Compagnia (1773), e os jesuitas são perseguidos e expulsados de todos os paizes como cães damnados.

Em 1762, isto é, 11 annos antes de ser abolida, a Compagnia de Jesus foi processada pelo parlamento francez por causa de uma divida de 1.500.000 libras esterlinas (24 mil contos de reis) a um banqueiro marselhez. Ignacio de Loyola tinha obrigado os seus humilhes fillos a fazer voto de pobreza; mas quando a Compagnia foi suprimida as suas riquezas em valores fundiarios e propriedades immoveis orçavam em cerca de um milhão de contos de reis.

Finalmente vou terminar este artigo, não sem dizer primeiro que foram ainda os jesuitas que envenenaram 8 papas: Sixto V. e Urbano VIII, em 1590; Innocencio IX, em 1591; Clemente VII, em 1605; Leão XI, no mesmo anno; Innocencio XIII, em 1724; Clemente XIII, em 1769, e Clemente XIV, em 1774.

Suprimida oficialmente por Clemente XIV, em 1773, a Compagnia de Jesus foi oficialmente restabelecida pelo papa Pio VII, em 1814, e ainda subsiste para castigo e vergonha da pobre humanidade, ignorante e credula.

JOSÉ MARTINS.

(*) Vide a pequena mas interessante obra de Ignacio de Loyola, intitulada *Los Jesuitas*.

Escola do Commercio

Os alumnos do 3º anno da Escola do Commercio Alvaros Pontalão não communicam, em carta, que o abeiro assignado corrido entre os alumnos, pedindo a conservação da legação junto ao Vaticano, foi ali apenas subscripto por 12 dos 360 alumnos. Entre esses 12 havia um que declarou que era catholico porquanto seguia os preceitos de Augusto Comte.

Irta!

Para o proximo numero

S. Francisco ou a verdadeira batina de ruco, artigo de Motta Assumpção. A desappareição de uma menina de um collegio de padras.

A Lanterna em S. Roque.

A conclusão do manifesto academico, que nos é impossivel publicar neste numero.

O que se faz nos seminarios, continuando de la o interessante narração do ex-padro dignissimo.

A Lanterna no interior, correspondencias de Ribeiro Pires, Matão, S. Roque. Manifesto ao povo de Itatiaia.

Ecos & Notas

Benjam episcopal

Dentro de um envelope, cujo endereço foi lido com o nosso cabeçalho, cortado á tesoura, recebemos, collado a um cartão do archbispo Lacerdas Galvão da Fontoura, um recorte de jornal que noticia sob a epigrapha *Benjam episcopal*, que em data de 3 do corrente o bispo de Uberlândia abençoou a *Lanterna Diogenes*.

Teria sido proprio sr. archiepiscopo quem se deu ao trabalho de nos transmittir tão importante nota?

Seja como for, muito grato ficamos a quem nos comunica tão importante facto, pois que—*Lanterna abençoada é lanterna apagada*.

Crime sobre crime

Publicaremos, no proximo numero, o retrato de mais um miseravel *d. Juan* de batina que em Lage, Bahia, delatorou nada menos de 12 de suas confessoradas.

Junto ao retrato desta fera, cujo aspecto aterroriza deversas a quantos se approximam dos tonducos, daremos o retrato de algumas victimas.

E a effluencia dos preceitos dessa religião, á unica verdadeira, no dizer de seus bonzos, onde se encontra que seus proprios sacerdotas são os que fornecem, quotidianamente, exemplos de perversidade, commettendo com mais nefandos delictos sob o tecto dos templos?

Azarragamos esses crapulas!

A questão do cruceiro

Havendo a padralhada de Campinas derribado um cruceiro para attribuir o facto aos anticlericaes e chamar sobre elles as iras do povo que vai á missa, o elemento emancipado da vizinhança publicou um ponderado e criterioso manifesto donde resulta, claramente, que a autoria desse caso recae exactamente sobre o clericalismo.

Porque não é de hoje que a igreja, quando está se vendo ás moscas, recorre espectacularmente a essas scenas de desgarrado, para atrair a attenção do povo e poder angariar fatios doativos.

São todos proveitos que cabem num sacco só: calumniam e arranjam cobres.

"A LANTERNA" em Santos

PELA JUSTIÇA

Deu-se nesta cidade um acontecimento gravissimo que os jornaes locais publicam sob a epigrapha *Conflicto na Iha Formosa*.

Neste conflicto em que desgraciadamente estão envolvidos varios operarios, cujo feirol gravemente ferido, Manuel Perdigão, homem já de idade-avanzada, assim como um fillo menor e sua mulher.

Com os aggressores não certa influencia, que possue algum dinheiro, fallou-se na impunidade dos mesmos, e ainda mais, na commoção do pobre velho, cuja vida com vida do hospital!

Esos como se deu o conflicto, por questões de medição de terrenos:—
Estando em casa Francisco Perdigão, junto de sua familia, sentiu chamar por seu nome, fôra; saiu e depararam-se os tres irmãos Martins e mais dois individuos que o convidaram a medir os terrenos. Este ponderou que a hora era imprópria (7 horas da noite), que no dia seguinte fariam esse trabalho. Os outros, que como se nota, já tinham com o intuito de provocar conflicto, a nada atenderam e agrediram Perdigão de faca em punho.

Assi gritos do velho, que já tinha varios ferimentos, acudiram fillo, Manuel Perdigão, e sua mulher. O pequeno, vendo o pai banhado em sangue, agrediu á faca um do grupo, dando tempo assim a seu pai para fugir da sanha dos scelerados, que já lhe tinham vibrado 8 facadas, atirando-se ao mar.

Vendo que lhes fugia a presa, os selvagens aggressores sacaram seu torpe intuito no pequeno e na mulher, ferindo ambos!

Covardes! Scelerados! Envergahonhos, atrevidores, de não respeitar uma mulher! Fugi de Santos, velhacos, para que não vos possa a população santista lançar em rosto todo o seu despezo por acção tão cruel e infame.

Ainda depois de tanta crueldade, andam ameaçando de morte a Manuel Perdigão, como se pode ver pela queiza que este fez á autoridade.

Ao que nos consta, em tudo isto influencia de terceiros; só assim se explica o já terem sido postos em liberdade os aggressores, falando-se na provavel prisão do infeliz Francisco Perdigão, caso saia da Santa Casa, pois como acima fica, o seu estado é grave.

Esperamos que as autoridades cumpram o seu dever, salvaguardando e desforçando essa familia tão vilmente ultrajada.

E sobre tudo esperamos que Perdigão não saia do hospital seja restituído a sua l'ra; e os outros á sua l'ra; a seu l'abor de queirer humilde.

SANTOS JOTA.

FOLHETIM

6

SOLIARDO E BATALANGA

O "ASNO" NA LUA
FANTASIA INVEROSIMIL

No mundo da Lua

Muito prazer... Queira desculpar, caro senhor Pensamento.

O velho couro as sobrancelhas:

— Senhor?... Entre nós não há senhores. O ser seria uma infamia para o ente e perigo para a sociedade.

Tendes razão e perdoad a ignorância... Dizei, então, que nós da Terra temos sempre considerado a Lua deshabitada e inabitável.

— Isso não me maravilha!... Porém olhai, que povo vivo enriquece com sua presença estas regiões. Olhai lá longe... visto como aqui estamos numa paisagem deserta, por um motivo que comprehenderei depois.

No quarto dia Deus criou a Lua e as estrelas.

— Monseñor, conservai-vos um pouco atrasado. Hoje, até os vossos theologos, como Stopani, dão a dia da criação o significado de épocas longuissimas.

— E' sempre a igreja—notou Batalanga—que se adapta e se curva ás descobertas scientificas, que, de outro modo, despedaçariam os seus dogmas.

— Monseñor, enforcem-se!

— Senhores!... Si offendes a verdadeira fé, vomem embora!

— Para a Terra?... Seria um pouco perigoso, monseñor, mesmo com a ajuda de Deus!

O mau humor do reverendo dissipou-se com a passagem repentina de um comboio aéreo sobre nossas cabeças.

— Que é isto?

— É um expresso, como dizeis, que leva os jovens á escola cinematographica.

— Oh! Vamos também!... Mande parar a machina!

— Não serve—disse o velho. Iremos por um meio mais commodo.

— E voltando-se para um lunar que repensava tranquilamente sobre as azas, disse algumas palavras incomprehensíveis para nós.

O mensageiro levantou-se, estendeu as penas e desapareceu no espaço.

Ratalanga aproveitou o descanso para continuar o seu questionario.

— Dizem também—desculpas si vos offendo—que a densidade, o peso especifico do vosso astro é inferior de cerca de metade do nosso.

— Que mais?

— E que não tendes ar respiravel...

— Pelo que parece, vós respirais?

— E' isso que nos maravilha! Dizem ainda que em consequencia da menor attracção da massa lunar os corpos são, no vosso solo seis vezes mais leves que na Terra.

— Indubitavelmente, no vosso globo os homens são mais pesados.



— Oh! Sim! Sonhino, Torraca, Rudini, por exemplo... Como, então a lua, que nos apparece agora tão rica de vegetação, de agua, de cores vivas, mostra-se a nosso olhar terreno deserta e esquelada nas suas ladeiras sem fim, nos seus valles semelhantes a crateras extinctas—que os nossos astrónomos chamam «Mare Tranquillitatis», «Mare Serenitatis», etc., e nas suas montanhas aridas e nuas, da qual a mais alta toma o nome do nosso grande Leibnitz?

— Muita coisa, caro terrestre, vos parecerá estranha e impensada aqui.

— Não me arrependo de ter vindo, disse eu. A Lua me foi sempre sympathica desde quando eu lia os poetas arcádicos que a immortalisaram como «ermitaço aéreo».

— A prata—observou o commendador—está em baixa.

— E quantas vezes chorei com o «Pastor Errante» do nosso Leopardi, contemplando a Lua...

— Perdido se insistiu—disse. Ainda não nos explicastes porque a Lua apresenta, aos telescópios terrestres, um aspecto tão differente da realidade.

— Isso—disse o velho sorrindo—é o nosso segredo.

— Que nunca poderemos saber?

— Dilecti a Vós do *Asno*, por ultimo, antes de mandar-vos de novo para a Terra, mas com uma condição: que o não reveleis a ninguém, comquanto possa encher-vos de admiração.

Levamos na das mãos ao peito.

— Juramos, pela nossa honra de jornalistas!

Os tormentos de monseñor

Monseñor Sottogolla e o commendador Ven-

tesca tinham-se ajeitado e confabulavam em voz baixa, como conspiradores.

— E então? O que é, monseñor?

— O reverendo animou-se e aproximou-se de nós:

— E' que... diziamos... o commendador... Não é verdade, commendador?

— Sei... sei... Diziamos... Que não se janta, então?

— O nosso cicerone estava em riso.

— Perdido, egrejos terrestres, tendes muita razão. Mas é tal o nosso habito de não comer, que nos tinha esquecido as vossas necessidades!

O capitão deu um pulo:

— Não comerei?... Mas si o comer é a mais doce satisfação do homem?

— Certamente, para o ser interior; mas para nós, substituímos, á do ventre, satisfação muito mais elevada: á do intellecto.

— Quanto a mim—disse o commendador Ven-

tesca—um prato de macarrão e um frango valem mais do que uma symphonia de Beethoven ou do que um canto de Dante.

— Quando se tem fome—respondeu o lunar. Mas, si não se sente o estímulo da garganta e do ventre, a comida torna-se indifferente. Nós alimentamos-nos com um calix de alimentos concentrados.

— Todas as manhãs; sómente a parte que o organismo assimila, e dali não há mais necessidade de dejectos e atropimento dos intestinos, órgãos inúteis para nós.

Nosso momento chegava o mensageiro com um naviozinho aéreo, que fez descer lentamente perto de nós.

— Será bom—disse cortemente o velho—que comam aqui. O espectáculo de um repasto humano, comquanto nosso povo conheça os varios estados da evolução animal—seria muito ridiculo em publico.



ROL DOS CULPADOS

Proezas fradescas

TOMURADO LIRIDINOSO E FORCO

Em additamento aos telegrammas enviados de Santa Catharina, recebemos cartas que fornecem pormenores ineditos sobre o crime de frei Herculano Limpinzel, que acaba de ser preso em Porto Alegre.

Conven assignar que a imprensa daquelle Estado não tem querido publicar, sobre o caso, si não algumas notas ligeiras.

Diz o amigo que nos escreveu:

«Um frade, gordo, obeso, tratado a leite e a vinho de uva, que foi vigário em S. José e que está hoje no Gaspar, no norte do Estado, chamado Herculano, está num embruho medonho. Quando estava em S. José, elle doutrinaava as crianças nos escuras quartos do convento, lá pelas bandas do nosso Chico Camará. Na doutrina andava, além de outras, tres mezinhas de 12 annos, uma desconhecida e as outras conhecidas, estando agora uma no Rio e a outra cursando na capital o 2º anno da Escola Normal. Frequentando a doutrina, foram as tres (tres!) meninas (com 12 annos de idade!) defloradas pelo tal frade. Foi removido o frade; as meninas sahiram de S. José, e a tal desconhecida veio para a Faltchoa. De nada se sabia: tudo foi mysteriosamente occulto, até que num dos dias da semana passada desvendou-se tudo. Foi raptaada a tal desconhecida (que é uma bella menina, civilisada, conhecendo francez, allemão, musica, etc.), e dada queixa, vai a moça á autoridade, á qual fez todas as mais pesadas revelações contra o frade. Perguntada qual o autor da sua desgraça, ella responde, soluçando, ser o padre Herculano. Imaginem que espanto! — Ha que tempo? — Cinco annos. (Ella está hoje com 17 annos!).»

Tomado o depoimento, ella, para prova, exhibiu diversas cartas do padre, escripta do Gaspar, e obedeceu a uma cifra especial. Em algumas a linguagem é tão immoral que enrubesceria o mais porco dos homens. O sr. Alberto Corriol, tio da victima, tenente do exercito, e o capitão dr. Pedro Taulois tratam do processo. Foram aos jornaes da capital e nemhuma quiz publicar algo do assumpto. Vão publicar em boletins.

Os frades de S. José constituiram advogado e a causa marcha.

A moça declarou que foram companheiras de infortunio, no mesmo tempo, as duas moçinhas já referidas. O povo está indignado.

O frade assignava as cartas com as duas syllabas do nome. Na das cartas o A tinha o valor de B, o B de C, o C de E e assim por diante, ficando o Z com o valor de A.

Veja o publico de que modo estão aptos para o mal esses miseráveis. E pense quantos e quantos casos semelhantes não ha, e que estão occultos. Este, de que tratamos, esteve no mysterio 5 annos.

Até que ponto chega a libidinagem de um sujeito que se diz ministro de Deus! Quanta perversidade! E esse Deus consente que seu ministro lance á prostituição e á desgraça tres intellectuaes crianças!

Com certeza os collegos de frei Lano da Iladilla, hão de o defender pelo *Suavario*. Esta casterva é muito solidaria...

Leiam as cartas que o monstro endereçava á sua victima. Estas são as que pulam ser publicas, que as outras são piores que a theologia do padre Gury:

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por enquanto recuso. Recusava dizer que eu não falo por causa da impossibilidade de vir agora por causa da doença, eu sinto a doença e me affligo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (3) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que me separastes, eu sentia que me fazia perder a esperança.

«Ida, Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdí... de tua palavra, por que nunca sustenta o que dizesse.

Se a força maior nos separasse, a separação não impediria o amor, mas se veja a falta de tua vontade e falta de sinceridade é outra coisa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contarei mais contigo, para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outras afeições, de certo tens que cuidar de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já não conto, me casares uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificios. Eu fiz o que pude, e se vieste possibilidade de fazer mais, eu faria de muito boa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Houtem recibi a herança de

FOLHETIM (6)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

II

Atravessaram um varado imenso, ressequido, fendido pelo calcinante sol, com o esterevido viro de pantano onde vegetavam algas. Prados extensos de goiabeiras estendiam-se a perder de vista orlando as duas margens da estrada; de distância em distância abriam-se pequenos bosques de mangue pinhalzando com as suas folhas envelhecidas e rubras o verde fulvo daquela vegetação vergastada pela inclemente secca. Lá

em baixo, era o Parapoeba, correndo mansuetamente, sem o urro trado das catarras, no leito espiado que cavar com as correntes pluviais. E na orla do rio, à margem oposta, a floresta de um verde saído, viril pela evaporação daquellas águas tonificando-lhe a seiva. Arvores gigantes, jettitadas seculares, canelões e cedros centenários odorizando a mata, com a sua transpiração doce, jarandás vetustas e perobas ironicamente pareciam desafiar o homem para a eterna luta em que os seres se degradam. Ao longe, de espaço em espaço, no flanco do monte, no coração da selva, abriam-se feridas colossais, feitas pelo machado, com os cineritos destróicos da lava esparsos no solo. Em baixo, na encosta do valle, erguia-se a modesta casa do barqueiro.

— Eh! lá barea, eh! — gritou um dos camaradas, sem o urro trado das catarras, chamaram de novo em coro, e uma voz parca respondeu da vivenda: — Já lá vai! Parece que morreu alguém. — Longe vá o agouro! — exclamou Laura com um arrepiro suspirado. — Que luta para a moça entrar naquella canção a que pomposamente denominavam barca. — E se isto virá — disse ella com um estremecimento de pavor — vamos aqua abaixo e é morte certa. — Qual, minha ama! — volvem o barqueiro. O rio não tem aqua nem para afogar um gato, salvo seja! E' um miguelo, com o livre perdo da palavra, — Vamos, Laura! — volvem o

marido, faz-se tarde e ninguém vem onde remolcamos hoje. — Obedeço então, toda tremula, dando gatinhos de medo, voltando os olhos com as mãos para não ver o abismo. E a travessia se fez sem novidade, como sempre. — Nem que o rio estivesse de monte a monte não vencia o braço do caboclo! — exclamou com a farronice habitual do sertanejo. — Perguntando depois onde iam, volvem a resposta: — Meu amo, vejamos se me arranjam por lá uma medida de S. — Jesus para curar um rheumatismo encalistrado de minha velha que tem resistido todas as mezinhas do campo e da benzedura da tia Basília, que é grande em mandracura. — Tra-la-emos! — disse Laura,

sorridente e amavel, vindo-se fóra do varado. — Galgaram a colina. Do cimo do monte, o Chagas volvem um olhar de despedida ao Parapoeba. Um panorama varizado se desdobrava dali. Na margem oposta era a praia arenosa, extensa, morrendo na planície pinhalzada de varados ressequidos, esterevidos pelo limo, cobrindo-lhes a superfície, toda bordada de bosques de goiabeiras, mangues e acacias em flor. Serpenteando, boa gigantesca, no seio do valle, ora argenteo, ora azulado ou aere conforme a intensidade de luz que se reflectia no immenso espelho de suas águas, se desliza o rio, calmo, cumulado, orgulhoso monarca daquelle deserto, imperando tyrannicamente, solitariamente, com o veneno palustre derramado em seu

leito. Ao longe, bem distante, as serras se acozardam celypando-se, afinal, na bruma dominada, o, a quem da corrente, a floresta em verdade as evaporações tonificantes, velando em parte o Parapoeba, fenecia também no plumbao oceano do fumo. — Penetraram de novo em estradas trmadas das que haviam percorrido já com a sua uniformidade de colinas e seus prados uniformes lambem. Eram mais movimentadas, sem duvida: havia a toda monotonos de carros de lha chiando ao peso da messe nos argilosos sulcos, o grito do carroeiro praguejando contra as alimmaras numa vociferância perenne, afirmando sem piedade no flanco das pobres bestas o aquilão que se vergava ao brutal impulso.

(Continúa)

"A LANTERNA" em Bragança

21-11-1909.

Uma familia de jesuitas perversos, d'entre elles um capanga, de voz arrogante e maneiras brutais, determinou o assassinato de Justiniano da Cunha, pelo facto deste senhor manifestar pela imprensa seu modo de pensar a respeito de factos publicos, violencias e immoralidades, praticadas pelo grupo de hypocritas resadores.

Hoje passa o quinto anniversario do barbaro e covarde assassinato! Por certo os perversos jesuitas, confessando-se hoje, dão graças aos seus deuses por terem mandado tirar a vida a um homem independente e brioso que nunca os bajulou.

Ferrer soffreu um processo, foi condemnado injustamente e foi fuzilado pela frente. Justiniano da Cunha porém, foi condemnado a morte, clandestinamente, por determinação de uma familia de assassinos e fuzilado pelas costas, quando comprava bilhete de passagem na Estação desta cidade. Covardes, hypocritas! E resum e confessam-se para illudir a sociedade! Infames creaturas, assassinos perversos!

ZEBALLOS.

Os nossos concursos

Para que serve o padre?

Em resposta: para continuar mantendo, alimentando e cultivando tudo que ha de mais prejudicial aos interesses moraes, intellectuaes e moraes da humanidade.

O padre é um ser isolado, um sér à parte, collocado fóra das necessidades, das aspirações, dos desejos do resto das mortaes, e, por isso mesmo, serve para conspurcar contra tudo que constitue objecto de admiração e respeito aquelles que não envergaram rompetra, negra como alma dos bandidos, aquelles que não se curvam nem se humilham aos anseios dos seus sermões.

O padre serve para enganar, burlar e illudir uma grande parte da humanidade que, devido à sua ignorancia e à sua egueira, tem a desgraça de frequentar as igrejas, levando-lhe o dinheiro; o confessorio, abridor os escaninhos mais reconditos do seu intimo, a esse padre que não deixará de se aproveitar dos segredos dos outros para os explorar em proveito proprio.

O padre, sér essencialmente corrupto, serve para corromper e embutecer todos aquelles que tem a desgraça de lhe cair sob as garras. A pedesaria é-lhe nullo commum. Aí da pouco os jornais noticiaram os escandalos havidos uma avião de orphãos, em Italia, onde crianças mullas foram victimas da seivida desenfreada dos padres que os dirigiam. Pregando a castidade, defloram todas as meninas que a ingenuidade dos pais lhe sabandona. Vejamos aquelle caso da Bahia em que um padre deflorou onze moçinhas, todas filhas de Maria.

O padre serve para pregar o odio ás mulheres, essas flores da vida, segund aquella decisão que os bispos em concilio tomaram de lhe negarem a alma que julgavam possivel ao homem. A mulher, na bocca do padre, é um sér imundo como só para ter filhos, esquecendo-se essas enormes exvalgrarias que são filhas de uma mulher e irmãs de outras mulheres e talvez pais de algumas mulheres, e mais que tudo que é a mulher que elles devem o imperio que exercem (e é bom que diminuo para o que foi) sobre a humanidade ignorante, inconsciente e miseravel.

O padre serve para espalhar o odio a tudo que represente progresso do espirito humano e exercer vingança torpe e nefasta contra aquelles que tem a coragem e a tenacidade de se opporem à sua obra de corrupção, alirando escolas e divindades, a rido conhecimentos salutaros sobre hygiene, sobre educação e moralidade. O fuzilamento de Ferrer está gritando e clamoroso dizendo bem alto e claro que só o odio da padralhada é que decidiu o conego real numero XIII a assignar a sentença condemnatoria de um tribunal constituido por jesuitas de uniforme, bem dignos lacaios do papa negro.

O padre serve para levar a discórdia ás familias, seturando as mais e suas esposas e convencendo-as de que

os deveres para com um supposto Deus têm primazia sobre os deveres do lar, que é cuidar da sua casa e dos seus filhos.

O padre serve para Indubiar, explorar, enganar, transformando a igreja num enorme bazar onde se pói tudo as eternas crivanas entre o fogo do inferno e os chifres e caudas do diabo, vendendo indulgencias, beutisimos venenos, rosarios e colares relativos a coisas curiosas: no templo não se dá nada: tudo se vende: missas, sermões, baptizados, ensaenamentos, officios fúnebres, tudo isto se tem a troco do competente arame. Quem não tiver dinheiro fica condemnado.

O padre serve para atturar contra as regras da estetica e do bom gosto, pois que, tendo figura de homem, veste salias como as mulheres.

O padre serve para ser parasita, pois bem gordos e bem nutridos, não empregam a força dos seus musculos num trabalho manual que seja util ao geral de suas concidadãos, mas ao contrario, vivem no dolce far niente bebendo, sungando e chapando o sangue, o suor e a vida daquelles que trabalham.

O padre serve para deturpar a verdade, esculhendo a cabeça das orações de lombrias, pois que no catechismo christão diz-se muito positivamente que Deus é que criou o mundo e que o mundo foi creado do nada, como se do nada se pudesse tirar alguma coisa. E mais se diz que tres é igual a um, e que um é igual a tres, parecendo desconhecer as regras arithmeticas.

O padre serve para incanorar o veneno da passividade ao espirito das criaturas, pregando-lhes a humidade, a resignação e a obediencia, tornando os seres incapazes de se envergarem pelo racioeio e contemplação do mundo e da vida.

O padre serve do espuichio a tudo que é de molde a tornar a humanidade mais sã, mais moralizada, mais elevada, mais dignificada e mais orientada dos seus direitos. E um perigo enorme que ameace tudo que ha de mais nobre nos tempos que atravessamos e como tal é preciso destruir.

O padre serve para povoar o coto de vagabundos, de malandros, velhacos e vadios, pois que constituindo cada padre um sér com cada um destes attributos e todos em conjunto com o mesmo tempo, doado de crímenes que tem as suas exigencias, alienando a que não ha noticias que não sejam castrados. Mas como não podem ser castrados, a regra theologica manda, e como o amor com elles é um crime, lancam mão dos meios da sedução, do coacção, do terror, da sacristia, instaurando-se no coto das almas feras, seduzendo-nas, e dali o haver tantas crianças que não sabem quem é o pai, que não têm quem as eduque, quem as oriente, quem as guie.

Eis, em resumo, para que serve o padre. Serve para ser prejudicial no mais largo sentido da palavra. Como tal, é preciso supprir-l'o juntamente com a grande laçada que se chama igreja.

PINHO DE RUA.

"A LANTERNA" em Botucatu

Si ha uma cidade onde a propagação anticlerical deve ser bem desenvolvida é Botucatu.

Aqui, o bispo Luiz Antunes de Souza desenvolve enorme actividade para embrutecer o povo. Organisa uma legião de S. Pedro, composta de um elemento pernicioso, de rapazes que não fazem outra coisa senão descastrar pessoas dentro da igreja.

Por indicação desses taes legionarios o bispo excomungou os distinctos moços srs. Luiz Pinheiro Machado e José Barreiros Sobrinho, que, apesar disso, vão vivendo muito bem.

Finalmente, em Botucatu, séde de bispado, o clero insaciavel extendendo sobre o povo a garrá adunca para o despojar do ultimo vintém.

Aeuda-o A Lanterna, dando de rijo nessa canalla.

(Do correspondente).

Aviso

A todos as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido à numerosa correspondencia, não é inteiramente impossivel responder pelo correio. Verisem, devendo a resposta que se inconvenientemente por ser dada por ali.

Loterias da Capital Federal
Sabbado, 18 de dezembro

500 CONTOS

Bilhete inteiro 36\$000

Sabbado, 18 de dezembro

Os bilhetes já se acham á venda em todas as agencias

"A Lanterna" em E. S. do Pinhal

A assistência era numerosa.

Visita — Agradecemos a que nos fez o Sr. Ulysses Lelo, secretario da Loja Independência, de Campinas, e valioso auxiliar clerical.

E ainda ha quem diga que a igreja não é uma casa do negocio, sendo os bispos e os padres fazem suas boas transações.

Temos a prova na ultima visita do prelado de Ribeirão Preto a esta cidade. O chrisma rendeu-lhe um dinheirão.

A igreja só era franqueada aos que fossem ser chrismandos e aos padrinhos, mediante a apresentação de um ingresso do valor de 25.000. Esses ingressos eram vendidos em varias casas.

Ora, está bem visto que estes desavergonhados negociam a religião, exploram a Jesus, como bem disse Guerra Junqueiro. E tambem o Christo disse: «Minha casa é casa de oração, e vós a fazeis um covil de ladroes».

(Do correspondente).

PEQUENOS ECOS

Applausos — Envia-nos o sr. Luiz Rogério, de Santa Cruz do Rio Pardo, saudando entusiasticamente A Lanterna.

Gratos. — Esteve muito concorrido a reunião do Grande Oriente de S. Paulo para comemorar o 30º dia do fuzilamento do padre Ferrer.

Usaram da palavra o dr. Armando Prado, que historiou o processo e condemnado de Ferrer, denunciando haver, de parte dos juizes, o intento preconcebido de matar, como fizeram, e o sr. professor Arthur Breves, que fez uma exposição fundamentada ateos o papel das religioes na educação e os funestos resultados que achem do ensino religioso.

Não compareceram os srs. drs. Martin Francisco e Basilio de Magalhães, que justificaram sua ausencia.

Queixa — Do sr. Giuseppe Minervino di Alfonso recebeu-nos uma carta em que se dá noticia da morte de paz da Consolidação, que lhe colorem causas indevidas num processo em que aquelle senhor era parte.

O sr. Minervino fundamenta sua queixa e termina declarando que, perante certos juizes, desapparece toda a confiança na justiça.

15 de Novembro — Foi festajada a data da proclamação da república, com o costume, com a grande parada na Moeda, recepção em palacio, concerto e passeata da força publica pela cidade.

A Associação do Livre Pensamento, em sua sede, a Rua dos Beneficentes n. 17, comemorou com uma sessão solenne a data, tendo sido orador o sr. professor Arthur Breves, que em um longo discurso estudou a república desde seus principios e a sua organização politica, concluindo por affirmar que, com as oligarchias actuaes, accendidas a tendencia da centralização dos poderes, haveria perigo de uma dictadura, um conselho ou mesmo um imperio no caso do marechal Hermes ir ao poder e si por ventura for ambicioso.

Falou, em seguida, o nosso collega da Battaglia, sr. Oreste Ristori, que em vehemente oração stica a Republica, alirando a diversos factos que a desaloam e a seus dirigentes, entre outros a condemnado de José Guerrero, ultimamente, em Casa Branca, accusado de homicidio, com a dirimeção de legitima defesa, e a recente decretação da expulsão de Edmondo Rossetti.

Ambo os discursos foram muito applaudidos.

Foi encerrada a sessão pelo dr. Antonio Moreira da Silva, que pronunciou algumas

palavras refulgendo topicos do discurso de um dos oradores.

Visita — Agradecemos a que nos fez o Sr. Ulysses Lelo, secretario da Loja Independência, de Campinas, e valioso auxiliar clerical.

E ainda ha quem diga que a igreja não é uma casa do negocio, sendo os bispos e os padres fazem suas boas transações.

Temos a prova na ultima visita do prelado de Ribeirão Preto a esta cidade. O chrisma rendeu-lhe um dinheirão.

A igreja só era franqueada aos que fossem ser chrismandos e aos padrinhos, mediante a apresentação de um ingresso do valor de 25.000. Esses ingressos eram vendidos em varias casas.

Ora, está bem visto que estes desavergonhados negociam a religião, exploram a Jesus, como bem disse Guerra Junqueiro. E tambem o Christo disse: «Minha casa é casa de oração, e vós a fazeis um covil de ladroes».

(Do correspondente).

PEQUENOS ECOS

Applausos — Envia-nos o sr. Luiz Rogério, de Santa Cruz do Rio Pardo, saudando entusiasticamente A Lanterna.

Gratos. — Esteve muito concorrido a reunião do Grande Oriente de S. Paulo para comemorar o 30º dia do fuzilamento do padre Ferrer.

Usaram da palavra o dr. Armando Prado, que historiou o processo e condemnado de Ferrer, denunciando haver, de parte dos juizes, o intento preconcebido de matar, como fizeram, e o sr. professor Arthur Breves, que fez uma exposição fundamentada ateos o papel das religioes na educação e os funestos resultados que achem do ensino religioso.

Não compareceram os srs. drs. Martin Francisco e Basilio de Magalhães, que justificaram sua ausencia.

Queixa — Do sr. Giuseppe Minervino di Alfonso recebeu-nos uma carta em que se dá noticia da morte de paz da Consolidação, que lhe colorem causas indevidas num processo em que aquelle senhor era parte.

O sr. Minervino fundamenta sua queixa e termina declarando que, perante certos juizes, desapparece toda a confiança na justiça.

15 de Novembro — Foi festajada a data da proclamação da república, com o costume, com a grande parada na Moeda, recepção em palacio, concerto e passeata da força publica pela cidade.

A Associação do Livre Pensamento, em sua sede, a Rua dos Beneficentes n. 17, comemorou com uma sessão solenne a data, tendo sido orador o sr. professor Arthur Breves, que em um longo discurso estudou a república desde seus principios e a sua organização politica, concluindo por affirmar que, com as oligarchias actuaes, accendidas a tendencia da centralização dos poderes, haveria perigo de uma dictadura, um conselho ou mesmo um imperio no caso do marechal Hermes ir ao poder e si por ventura for ambicioso.

Falou, em seguida, o nosso collega da Battaglia, sr. Oreste Ristori, que em vehemente oração stica a Republica, alirando a diversos factos que a desaloam e a seus dirigentes, entre outros a condemnado de José Guerrero, ultimamente, em Casa Branca, accusado de homicidio, com a dirimeção de legitima defesa, e a recente decretação da expulsão de Edmondo Rossetti.

Ambo os discursos foram muito applaudidos.

Foi encerrada a sessão pelo dr. Antonio Moreira da Silva, que pronunciou algumas

Através das publicações

Il novo Picadero — Folheto de 31 paginas, publicado pelo Centro Socialista Internacional de S. Paulo, e em que se condensam alguns documentos e artigos de jornaes que formam um filletto contra o sr. Picadero, director do O Social.

Porque se trate de assumpto pessoal, abstenemo-nos de emitir opinião sobre o folheto, que só deve interessar aos de perto, acompanharam os transtos dessa questão.

O Pensamento — Revista mensal illustrada, orgão do Brazil Physico Astrologico, n. 24, anno II.

Bem impresso e com uma copiosa col-laboração.

Bilhetes e recados

Ouro Preto — Luiz Gravina: A Lanterna substitua a Falda.

O prego conta do cabego. Pode pagar no Rio aos nossos representantes. Saudações.

Salto — S. Delmore: Seguiram mais exemplares. Do proximo numero em diante mandaremos 40. Seguiram os retratos. Pode mandar as suas. Saudações.

Corbado — P. S. Rossi: O jornal foi enviado a todos. Registramos o nome indicado. Saudações.

Niteroi — F. Dias: Mandaremos os 20 numeros. Pode entregar ao Moscon, como diz. Não temos o livro pedido. Quer que o compremos fóra? Saudações. J. Martins: Recebemos e publicamos. Saudações.

Piracicaba — J. Alenany: O prego da photographia é de 28. Agradecemos o seu interesse. Saudações.

Santos — J. Romero: Recebemos o endereço da Triera.

Sertãozinho — Adolpho Baptista de Souza: Podemos incluir na lista de nossos representantes? Saudações.

S. Paulo — M. Leite: Mandaremos o livro. Saudações.

Pratigipanga — F. de A. Teixeira: Envia-nos os exemplares pedidos. Inclui-nos o numero dos nossos representantes? Saudações.

Ribeirão Preto — A. e R. L. C.: Independencia e Amizade: Envia-nos os pedidos. — Marcos Lopez: Accusamos com muito agrado. Agradecemos a lista em alinda.

Mogy-Guaçu — O Bandeirante: Não nos podem enviar o n. de 17 de julho? Saudações.

Villa Americana — L. Sandova: Registramos os nossos assignatos. Pode ser o nosso representante? Saudações.

Ribeirão Preto — S. C.: Para o proximo numero. Saudações.

Cruzeiro — José Feitosas e amigos: Para o proximo numero. Saudações.

Albânia — Dr. O. de Paulo: Recebemos os 10\$. O pacote seguiu. Remetteremos outro. Saudações.

Id. — A. Coimbra: Recebemos os 15\$, do amigo do jornal. Agradecemos.

Rio-R. S. Munhos: Coisas do correio amigo. Mandamos o n. 5. Saudações.

"A Lanterna" no interior

A Lanterna, além de ser vendida avulso, em quasi todo o interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Sallas, rua Amador Bueno.

Em Campinas, na livraria do sr. Amílcar Paes, rua Barão de Jaguara, 60.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiros, valles, e tudo quanto concerne á administração o favor de endereçar a correspondencia ao administrador d'A LANTERNA — EDUARDO LEONARDO.

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (Colhado), e não caixa do correio, como por engano saia.

Pedimos aos amigos que desejam aceitar o cargo de representantes d'A Lanterna em qualquer localidade do Brazil a fineza de nos escreverem, com urgencia, pelo que ficaremos immensamente gratos.

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de fazer chegar as encomendas aos nossos assignantes, citarem A Lanterna como o jornal onde encontraram a notícia.

A Lanterna accetia e publica denuncias contra o clero e contra toda e qualquer autoridade, desde que o facto seja veridico e não seja passível de facto desmentido.

Apesar da praxe jornalística, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, e que a nossa adhesão a nossa das ideias por elles expostas.

Segundo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discurso, para uma investigação sincera da verdade e como um eco ás aspirações do nosso tempo.

Solicitamos de todos os amigos e leitores, com o fim de tornar mais vasto o nosso campo de actividade, que nos enviem toda e qualquer noticia de crimes e patifarias da padralhada, cortando o do jornal, cujo nome deverio nos enviar assim como a data e o lugar em que se publica.

Alm de facilitar a aquisição de obras literarias, scientificas ou de propaganda, nos propomos mandalas vir do estrangeiro mediante pedido acompanhado da importância, sem commissão alguma.

Para isso publicaremos breve um nuncio.

Outra importante declaração

E' um bem indispensavel saber instruir os outros, principalmente no modo de preservar a saúde.

O distincto facultativo do Rio de Janeiro, o dr. José de Castro Mendes Serzelelo, quer em sciencias medicas cirurgicas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e cirurgião da Assistência Medico-Legal de Alameda, etc., etc., etc.

«Que tenho empregado na minha clinica com grande resultado nas affecções pulmonares e outras o preparado Emulsão de Scott».

ANNUNCIOS

Professor

Um engenheiro, com longa pratica de ensino, prepara alumnos para as Escolas de Commercio, Normal, Polytechnica e «MacKenzie College» e dá aulas practicas e theoricas de ingles, cobrando apenas 10\$000 por materia, mensalmente. — Rua Barão de Iguaçu, 128.

Horario das aulas nocturnas — das 5 ás 6 hs. da noite: segunda-feira, portuguez; terça-feira, algebra; quarta-feira, portuguez; quinta-feira, algebra; sexta-feira, portuguez; sabado, algebra; das 6 ás 7: segunda, portuguez; terça, desenho; quarta, portuguez; quinta, desenho; sexta, portuguez; sabado, desenho; das 7 ás 8: segunda, portuguez; terça, geometria; quarta, logar; quinta, geometria; sexta, ingles; sabado, geometria; das 8 ás 9: segunda, ingles; terça, arithmetica; quarta, ingles; quinta, arithmetica; sexta, ingles; sabado, arithmetica; das 9 ás 10: terça, quinta e sabado, arithmetica.

NOTA — Ha tambem aulas diurnas das materias acima e outras.

Motores

a vapor, de 8, 12 e 16 cavallos, na FUNDIÇÃO DO BRAZ.

F. AMARO

Rua Corrêa de Andrade, 20

Vermouth, 400 réis

Chop e sandwiches, 200 rs.

Vinho Barbera e Toscano

Ponce Toscano, 200 réis

No CRITERION BAR

2 — Largo do Rosário — 2